

# Venda Grande: o que significa para Campinas

O historiador Odilon Nogueira de Matos, colaborador do CORREIO POPULAR, escreveu na publicação "Notícia Bibliográfica e Histórica" — órgão do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, um interessante trabalho sobre um episódio da história de Campinas, pouco conhecido, pouco divulgado, ou seja o chamado "combate da Venda Grande", que ocorreu no dia 7 de junho de 1842, num local próximo de Barão Geraldo, na Fazenda Santa Genebra, onde, naquele ano, as tropas imperiais inflingiram a derrota final aos revoltosos do movimento que eclodiu na província de São Paulo, precisamente em Sorocaba, sob a chefia do brigadeiro Tobias de Aguiar.

## MARCO

Por iniciativa do departamento de História, do Centro de Ciências, Letras e Artes, na época presidido pelo general Luiz Felipe da Silva Wiedmann, foi erigido um marco, em 1956, com os seguintes dizeres: "Combate de Venda Grande" — 7-6-1942" — E em baixo: "Homenagem do Departamento de História do CCLA."

O prof. Odilon Nogueira de Matos é de opinião que a inscrição do referido marco deve ser completada com algumas informações para esclarecimento dos que visitarem o local, que, por sinal, se encontra relegado no total abandono, existindo, porém, a promessa da Secretaria de Obras e Serviços Públicos e da Secretaria da Educação no sentido de ser urbanizada toda a área, que deverá se constituir num ponto turístico para a cidade, nos festejos do bicentenário, no próximo ano.

## O EPISODIO

No trabalho em apreço, o prof. Odilon lembra que o episódio de Venda Grande tem sido relatado, com maior ou

menor abundância de particularidades, por diversos historiadores, Amador Florence, Vilhena de Moraes, Aluisio de Almeida, Celso Maria de Melo Pupo e outros. Ele transcreve um trecho do livro do sr. Celso Maria de Melo Pupo, que situa bem o importante incidente, no qual perdeu a vida, entre outros, Boaventura do Amaral, o bravo chefe liberal, cujo nome a Municipalidade perpetuou numa das ruas da cidade:

"Venda Grande tem sido para Campinas uma tradição estremecida; os antigos a elas se referiam com veneração, cultivando sua memória como a de um ato meritório, caro e merecedor de uma lembrança que se perpetuasse, que se transmitisse às gerações vindouras. Ouvimos na meninice a repetição de sua história, o sacrifício das vítimas imoladas, nomes dos que ali morreram, dos que, prisioneiros, desceram para Santos desfilando pela rua de Santo Antonio com destino ao cais onde os navios os levaram para julgamento na Corte. Campinas viveu, através de gerações, o embate traumático de um movimento armado, idealista que se extinguiu tristemente para os elementos locais, vencidos e vencedores; a anistia de 1843 e o retorno dos revolucionários aos seus lares, não apagou o luto da gente camponense que o conservou em tradição familiar".

Mais adiante diz Celso Maria de Melo Pupo:

"Contra a tropa legal que era gente de guerra dedicada a este ofício, e para a guerra armada e municada, vinda de várias regiões do país, Tobias de Aguiar juntou civis, políticos liberais, gente de trabalho apenas adestrada no manuseio de armas de caça, pais de família reunidos para ocupar a capital da província e depor o presidente, o que procurara fazer num

lento movimento fracassado nos planos de ocupá-la por forças da freguesia do Ó, o que permitiu ao governo anteceder-se no domínio da cidade de São Paulo; com esta antecipação das forças governamentais, estava anulada a revolução dos liberais paulistas.

Ainda com os mais sólidos fundamentos para a ação bélica, não se pode deixar de considerar a exacerbação de ânimos dos políticos e as solidões estramadas a que se entregaram, quando a prudência melhor aconselharia uma ação político-parlamentar vigorosa. Mas, escolhida por Tobias de Aguiar a ação revolucionária, cedo se convenceu ele da impossibilidade de sua vitória e passou de ordem energética para se organizar a força de Campinas que teria de atacar S. Paulo, sob o comando dos irmãos Francisco e Luciano Teixeira Nogueira e de Antonio Rodrigues de Almeida, a retroceder para determinar apenas a defensiva. Assim mesmo com o animo dos chefes campinenses cuja cabeça, Antonio Manuel Teixeira, estava seguro de ocupar Campinas, sua tropa, cujo aspecto geral bem se harmonizava com o das demais tropas revoltosas, sofria limitação por ordem do mais alto comando, prudente por vê-la debil, como dizia To-

bias em 7 de junho comunicando-se com Feijó.

Haviam-se os revolucionários alojado no engenho da Lagoa, ou sitio do Teodoro, ou Venda Grande como dizia o vulgo. Aguardando reforços, receberam de Itu um pequeno contingente sob o comandante do capitão Boaventura do Amaral Camargo que, sendo oficial de artilharia, tratou de se utilizar das duas peças que Antonio Manuel Teixeira havia trazido do seu Engenho da Cachoeira. Com os homens vindos de Utu, veio também uma pecinha de artilharia imprestável que ainda descansava no carro que fora puchado pelos bois do Tristão, quando os caçadores de Bezerra a encontraram na Venda Grande".

Quem estuda o mapa da região dos engenhos da Lagoa e do Chapadão, pode reconstituir o ataque desfechado de surpresa e a defesa precária que foi possível organizar. A estrada Campinas-Limeira, entrando nos terrenos do chapadão, defletia para a esquerda em busca da sede do engenho pelo qual passava, indo depois procurar o leito da atual da Estrada dos Amaraes, o que justifica a abertura de trincheiras em terras do Chapadão, ainda conservadas cuidadosamente pela unidade do Exército sediada nesta histórica fazenda. Estas

trincheiras, evidentemente, destinavam-se à defesa contra tropas que marchassem pela estrada, único meio normal de alcançar, de Campinas, o solar da Lagoa. Mas a estratégia militar simulou um ataque de cavalaria por esta estrada e transpondo as trincheiras desguarnecidas, "surtiu no alto do pasto", enquanto os fuzileiros, através do engenho do Monjolinho de propriedade do presidente da província, Barão de Monte Alegre, no qual não faltaram guias e informantes dedicados que teriam conduzido as forças legais, aproximaram-se do sobrado da Lagoa pelo flanco, escondidos na macega, e surpreenderam os revoltosos com saraivadas de balas de fuzil de longo alcance".

## CAXIAS

Lembra o prof. Odilon que o nome popular Venda Grande, com que era designado o Engenho da lagoa ou soorado da Lagoa (na expressão de Celso Maria de Melo Pupo) foi o que permaneceu nas páginas de nossa história. E convém que ele não desapareça. "Seria o caso — diz o prof. Odilon — que ao bairro que ali se está formando o nome de Venda Grande, o qual também poderia figurar nos onibus que o servem.

Segundo Odilon, ao contrário do que comumente se afirma, Caxias nunca esteve

em Campinas, não tendo, pois, estado presente ao episódio final da luta. O grande cabo de guerra, então no início de sua brilhante carreira (tinha na época, o título de Barão de Caxias) viera a S. Paulo mandado especialmente para dominar a chamada "revolução liberal", mas permanecera na capital da província, sendo as tropas imperiais, em Campinas, comandadas pelo bravo coronel Amorim Bezerra.

## MORTOS

No local do combate — finaliza o prof. Odilon — foram os mortos enterrados provisoriamente, até que, depois, pudesse ser dado aos corpos, local mais condigno. Ninguém, ao que parece, ficou sepultado na Venda Grande. Todavia, a crença popular continua atribuindo ao local caráter de cemitério e é justamente pelo nome de "cemitério da guerra", que o

povo do bairro identifica o local onde o marco do Centro de Ciências foi erigido e no qual frequentemente são acesas vela e colocadas imagens toscas, como cemitério toscas.

Vamos esperar, agora, que as obras de urbanização alcancem Venda Grande. Mãos à obra, dr. Pozzuto, muito digno secretário de Obras e

Serviços Públicos. O local merece uma praça decente, bem iluminada e com os dizeres sugeridos pelo prof. Odilon: "Venda Grande — Neste local, a 7 de junho de 1842, as tropas imperiais inflingiram a derrota final aos revoltosos da revolução liberal que, naquele ano, ocorreu na Província de São Paulo". Uma ideia excelente, convenhamos.

Saudamos o  
**CORREIO POPULAR**  
pela passagem de mais um  
aniversário de fundação  
Cortume Cantúcio S. A.

## Instituto Campineiro de F...

Livros Técnicos publicados pelo Instituto  
— Biblioteca da Agricultura Moderna  
Tudo sobre: Administração Técnica  
Estudantes de

RUA CEL. QUIRINO

Correio Popular 4-IX-1973

Sears